

# **A personalidade autoritária. Componentes e gênese psicológica**

JOÃO BOSCO DE CASTRO TEIXEIRA  
ANTONIO POLO \*

1. Histórico da pesquisa; 2. A obra de Adorno; 3. Linhas interpretativas: processo cognitivo e mecanismos interferentes; 4. Pesquisas sobre os precedentes familiares da personalidade autoritária; 5. Contribuições ao estudo da dinâmica pessoal autoritária; 6. Autoritarismo e adaptação; 7. As mudanças da personalidade autoritária; 8. Conclusão.

No atual clima de revisão profunda das relações humanas e de mais exata tomada de consciência do respeito devido a cada pessoa, adquire particular interesse e importância, aos olhos estudiosos dos psicólogos e sociólogos, o fenômeno psicológico do autoritarismo.

Há alguns anos, sobretudo após a primeira pesquisa fundamental dirigida pela equipe da Universidade de Berkeley, sob a direção de Adorno, vão-se multiplicando, em ritmo acelerado, os estudos destinados a iluminar os traços e a gênese da personalidade autoritária.

As pesquisas estão ainda distantes das conclusões puras e definitivas, mas já colheram abundante messe de resultados interessantes, pelo que pareceu-nos útil fazer um exame da situação, revendo os estudos realizados e indicando as perspectivas abertas.<sup>1</sup> Julgamos oportuno antecipar, desde já, qual o conceito de personalidade autoritária, que surge com bastante clareza do conjunto de dados obtidos

\* Da Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letras de São João Del-Rei.

<sup>1</sup> Lutte, G. Seminário de psicologia do desenvolvimento humano. s.d.

até agora. Expressamo-nos, fazendo nossa a descrição sintética de Byrne, a quem se deve uma das mais recentes análises desta problemática: “O autoritarismo refere-se a um sistema de atitudes que consiste em uma série de sentimentos antidemocráticos correlatos entre si. Estas atitudes tendem a agrupar-se em conglomerados ideológicos, que constituem um aspecto da estrutura da personalidade.”<sup>2</sup>

## 1. Histórico da pesquisa

O estudo da personalidade autoritária está ligado, historicamente, ao nascimento e à consolidação da ideologia nazi-fascista. Depois de alguns esboços de pesquisas tipológicas, aptas para exaltar as características da personalidade filo-fascista,<sup>3</sup> não tardam a aparecer trabalhos escritos que tratam do mesmo argumento, mas com orientação completamente diversa. Em 1941, Erich Fromm foi dos primeiros a perceber a ligação entre *nazismo* e autoritarismo. Intuição muito feliz o fez descobrir uma das atitudes mais típicas da personalidade autoritária: *a orientação ambivalente para a autoridade e o poder*. “A pessoa autoritária é ao mesmo tempo dominadora e submissa; dominadora relativamente àqueles que ela percebe como mais fracos, e submissa com relação aos que ela percebe como mais fortes.”<sup>4</sup>

Outro subsídio para exposição do problema é representado pela obra de Maslow, que considera o autoritarismo mais que nas suas expressões externas, muitas vezes contraditórias, como *uma atitude particular relativamente ao mundo*, que constitui a sua *Weltanschauung*: o mundo é visto pelo autoritário como uma selva “na qual a mão de cada homem é necessariamente levantada contra outro homem, na qual o mundo é concebido como perigoso, ameaçador ou pelo menos provocador, e os seres humanos são considerados essencialmente egoístas, maus ou estúpidos”.<sup>5</sup>

## 2. A obra de Adorno

### A) Origem, escalas, algumas correlações

Obra fundamental, ponto obrigatório de referência para toda pesquisa posterior no campo da personalidade autoritária. Valorizado pela crítica como, talvez,

<sup>2</sup> Byrne D. *An introduction to personality*. Englewood Cliffs, Prentice Hall International, 1966. p. 238.

<sup>3</sup> Stagner, R. Fascist attitude: an exploratory study. *Journal of Social Psychology*, v. 7, p. 309-19, 1963. Jaensch, E. R. *Der Ge gentypus*. Barth, Leipzig, 1938.

<sup>4</sup> Fromm, E. *Escape from freedom*. New York, Rinehart, 1941; Hollander, E. P. *Principles and methods of social psychology*. New York, Oxford University Press, 1947. p. 136.

<sup>5</sup> Maslow, A. H. The authoritarian character structure. *Journal of Social Psychology*, v. 7, p. 309-19, 1943.

nenhum outro trabalho de psicologia social, conhecido a ponto de tornar-se, pelo menos nos Estados Unidos, “um aspecto da cultura popular e uma força contra a discriminação racial”,<sup>6</sup> e, por unânime reconhecimento, trabalho desenvolvido pela equipe da Universidade de Berkeley (Califórnia). Preparado mediante enorme quantidade de pesquisas, na década de 40, saiu em 1950 com o nome de Adorno e outros, sob o título *The authoritarian personality*.<sup>7</sup>

Originadas da pesquisa sobre o fenômeno anti-semita, as mil páginas do *The authoritarian personality* descrevem as linhas de comportamento que acompanham as atitudes para com os israelitas. Para este fim prepararam diversos instrumentos à medida que o estudo se adiantava. Inicialmente foi providenciada a elaboração de uma *escala de anti-semitismo* (AS scale, Levinson-Sanford).

Por obra de Frenkel e Sanford relevam-se alguns traços mais gerais associados à atitude anti-semita, chegando-se à hipótese de orientação típica que os engloba; tal atitude é chamada *Etnocentrismo* e medida pela E scale (Levinson); estabeleceu-se também confrontação com medida de *conservadorismo político e econômico* (PEC scale). Neste momento, é preparada nova escala — F scale — (usada em centenas de pesquisas) elaborada com um *duplo objetivo*: avaliação indireta do preconceito-etnocêntrico, sem referência a determinados grupos minoritários; e avaliação das disposições latentes, que tornam uma pessoa inclinada à concepção *fascista da vida*. Publicada juntamente com o livro *The authoritarian personality*, de que se constitui o instrumento principal, a escala foi então considerada não só como *fascism scale*, como também *authoritarian personality scale*, provocando uma generalização, que foi julgada “razoável”<sup>8</sup> por alguns, mas por outros “não completamente justificada e fonte de alguma confusão”.<sup>9</sup>

Estas são, em linhas essenciais, as passagens que, conforme os autores, admitem a generalização de que falamos: atitudes próprias de quem é propenso ao fascismo podem, de modo geral, considerar-se como características de um tipo de autoridade definível como “autoritária”; por sua vez, a “personalidade autoritária” inicialmente delineada pela F scale apresenta ligações de tal modo consistentes com outras afinidades variáveis que permite exposição fundamentalmente unitária; em consequência, considerações surgidas de tais afinidades variáveis podem, sempre de acordo com os autores, estender-se em

<sup>6</sup> Brown, R. W. *Social psychology*. New York, The Free Press, 1967. p. 479.

<sup>7</sup> Adorno, T. W.; Frenkel-Brunswick, E.; Levinson, D. J. & Sanford, R. N. *The authoritarian personality*. New York, Harper, 1950; Christie, R. & Cook, P. A guide to be published literature relating to the authoritarian personality through 1956. *Journal of Psychology*, v. 45, n. 2, p. 171-99, Apr. 1958; Couch, A. & Keniston, K. Yeasayers and Naysayers a greening response set as a personality variable. *Journal of Abnormal Social Psychology*, v. 60, p. 151-74, 1960; Bass, B. M. Authoritarian or acquiescence? *Journal of Abnormal Social Psychology*, v. 51, p. 616-23, 1955.

<sup>8</sup> Brown, R. W. op. cit. p. 486.

<sup>9</sup> Rokeach, M. *The open and closed mind*. New York, Basic Books, 1960. p. 13.

medida variada também às outras.<sup>10</sup> Eis agora, apresentadas esquematicamente, as ligações verificadas entre as várias escalas e referidas pelos autores como prova da tese anteriormente referida:

Tabela 1

AS	E	$r = 0,80$
E	PEC	$r = 0,57$
PEC	AS	$r = 0,43$

Primeira consideração extraída destes dados é: o antagonismo, em relação a quem é culturalmente diferente, é um sentimento generalizado (alta correlação entre escala de anti-semitismo – AS e etnocentrismo – E – ); nota-se, além disso, que os *conservadores* (altos na classificação da PEC) tendem a ser etnocentristas e anti-semitas, mesmo que a associação entre as duas variáveis não seja forte.

Tabela 2

AS	F	$r = 0,53$
E	F	$r = 0,65$
PEC	F	$r = 0,54^*$

\* Na versão definitiva da F scale a correlação com PEC scale foi de 0,57.

De acordo com a tabela 2, o anti-semitismo, etnocentrismo e conservadorismo, em matéria econômica e política, tendem a confundir-se na mesma pessoa.

O trabalho da equipe de Berkeley, entretanto, não é limitado às escalas-questionário de que falamos. Seu objetivo, já implícito na primeira parte da obra,

<sup>10</sup> Brown, R. W. *F. Scale – social psychology*. New York, The Free Press, 1967. p. 479-97; Byrne, D. *An introduction to personality (a research approach)*. Englewood Cliff, New Jersey, Prentice Hall Psychology Series, 1966. p. 242-7; M. Rokeach, op. cit. p. 12 e segs.

era explorar a natureza profunda das opiniões ideológicas, analisando eventuais ligações com os traços da personalidade. É esta a meta que eles manifestam e diretamente procuram na segunda parte, baseada na análise das entrevistas e técnicas projetivas (TAT). Conforme diversos autores, encontramos aqui o aspecto mais original e promissor da pesquisa empreendida.

Dizíamos que o método foi diferente, mas o objetivo não foi mudado. Pode-se, pelo contrário, afirmar que as duas partes reforçam independentemente um conjunto de intuições, sobre as quais toda a pesquisa foi colocada e conduzida. Julgamos referir-nos àqueles nove “sintomas” que os autores supõem convergentes em uma espécie de síndrome unitária. Examinaremos rapidamente tais sintomas guiando-nos pela descrição que deles faz Byrne.<sup>11</sup>

## B) *Os nove traços de personalidade tidos como “autoritários”*

### 1. *Conventionalism* (convencionalismo)

Rígida adesão ao convencional, ideais de tipo burguês. A hipótese de que “convencionalismo” constitua fator notável na descrição da personalidade autoritária está baseada nas seguintes observações: a inclinação para o fascismo é característica de quem gravita em torno da classe média; por outro lado, os indivíduos não-convencionais são mais inclinados a serem livres de preconceitos. Dificuldades encontradas no correr da pesquisa levaram a determinar que é de caráter autoritário somente o convencionalismo que resulta não de escolha espontânea, mas de pressões externas de tipo social.

### 2. *Authoritarian submission* (submissão acrítica)

Atitude remissiva e acrítica nas relações com autoridade moral, idealizada no âmago do próprio grupo. A concepção nazista de poder e de autoridade exige “forte” direção e a dedicação incondicional dos indivíduos ao Estado. Levantou-se a hipótese de uma extensão desta mentalidade a cada tipo de relação que supõe superioridade (pais, velhos, líderes, seres sobrenaturais etc.). Chega-se a afirmar a suposição de que a adesão devotada e acrítica seja a expressão da falta de consistência interior. Voltaremos com frequência a considerações análogas para esclarecer outros traços característicos de personalidade autoritária.

### 3. *Authoritarian aggression* (agressividade autoritária)

Facilidade de espreitar, controlar sempre “quem vem lá”, e repelir, condenar, punir quem violar as normas convencionais. O fundo de tal orientação parece constituído de considerável carga de hostilidade, que não podendo atirar-se sobre

<sup>11</sup> Byrne, D. op. cit. p. 490-7.

as causas diretas que a produzem, encontram uma saída em outros objetivos, aptos a produzir justificação “razoável”, sem perigos de retorções. O grupo minoritário a que, de preferência, são dirigidos tais sentimentos está capacitado a oferecer “boas” razões, ditadas por um mal-entendido senso de moralidade e de patriotismo.

#### 4. *Destruction and cynicism* (destruição e cinismo)

Hostilidade difusa, desprezo por tudo que é humano. Já nos referimos à definição de mundo que Maslow atribui aos autoritários. Percebeu-se neste pessimismo universal a necessidade de descobrir justificativas posteriores à própria hostilidade e aos outros impulsos interiores não-aceitos.

#### 5. *Powers and toughness* (poder e rudeza)

Importância exagerada atribuída às dimensões “dominação-submissão”, “fraco-forte”, “líder-sectário”. Identificação com figuras de poder. Acentuação excessiva dos atributos convencionais do ego. Afirmações drásticas relativas aos conceitos de força e rudeza. A origem de tudo isso pode-se ainda observar na falta de força interior, a que se procura suprir apoiando-se em estruturas poderosas. Identificando-se com essas, o fraco sente-se forte (a nação mais forte do mundo, a raça mais pura, a única verdade etc.). Isso explica a natureza de sua ambivalência para com o poder de que as “SS” alemãs foram eloqüentes exemplos, na obediência cega “ao superior” e na tirania desapiedada “para com o inferior”.

#### 6. *Superstition and stereotypy* (superstição e estereotipia)

A crença mística nos destinos fatais do homem e indivíduo, a propensão para raciocinar conforme esquemas pré-elaborados e categorias rígidas. Nas convicções supersticiosas é fácil encontrar, ainda uma vez, a fuga da responsabilidade não completamente amadurecida, a procura de um cômodo álibi em forças incontroláveis. Cria-se um halo místico ao redor dos líderes nos quais tudo é considerado extraordinário e com tendências ao sobrenatural. Quanto à estereotipia, esta age sobre a tendência humana de iludir a complexidade dos problemas mediante reduções simplistas. *Slogans* absurdos, mas que tinham o mérito de ser claros, foram em todos os tempos proferidos pelos líderes e autoritários súbitos.

#### 7. *Anti-intrapeption* (exteriorização)

Oposição a tudo quanto é subjetivo, imaginativo, delicado. Fez-se a hipótese de que os autoritários procuram responder aos fatos concretos, tangíveis, claramente experimentáveis, e não ouvir sentimentos, fantasias, especulações e imaginações. É possível que na raiz de tudo isso se encontre o medo da introspecção, determinado

pela falta de solidez interna, pela falta do quadro de referência bastante assimilado para oferecer clara e valiosa discriminação.

### 8. *Projectivity* (projeção)

Uma das características mais convincentes postuladas por Adorno é a capacidade de “transferir” problemas interiores para o mundo exterior (impulsos, tabus, fraquezas, temores, responsabilidades). Já se encontrou mais de uma vez essa orientação de base ao se descreverem os outros traços. Acrescentemos que ela atinge várias vezes formas mesmo ridículas de juízo na “maré montante” do mal, dos vícios e dos perigos que “mais do que nunca” ameaçam o mundo, principalmente no que interessa aos dois campos “privilegiados”: agressividade (crime) e impulsos reprimidos (imoralidade sexual).

### 9. *Sex* (sexo)

Os autores da F scale acharam que a atitude exageradamente preocupada do autoritário com relação aos atos da sexualidade constitui as características salientes no quadro dos sintomas por eles descrito. A repressão e a ansiedade conseqüentes são as matrizes prováveis de tais excessos, como consideraremos mais adiante.

## 3. Linhas interpretativas: processo cognitivo e mecanismos interferentes

Coligidos os dados, postos em evidência os componentes mais freqüentes, e verificada a tendência constante para agrupar-se em uma pessoa, impôs-se aos pesquisadores o problema da *natureza dessa ligação*. Podem-se afirmar nesse objetivo três diferentes hipóteses: a) o encontro dos traços é simplesmente casual; b) a ligação é procurada nos elementos exteriores à pessoa (exemplo: *status* econômico-social); c) a explicação da persistência das variáveis é investigada em dinâmica pessoal unificadora.

A primeira hipótese praticamente não possui adeptos. A segunda encontra-se na obra de Adorno; é a idéia do que seja a preocupação pelo estado social que leva certos pais a interpretar sua função de parentesco, de forma autoritária; dessa tomada de posição por parte dos pais derivariam as outras manifestações já descritas.

Entretanto, mais do que por Adorno, foi desenvolvido pelos seus continuadores um estudo orientado nesse sentido. Rokeach reporta-se na sua obra a uma resenha das contribuições levadas ao problema das relações entre autoritarismo e condição social. Na conclusão dessa resenha, ele manifesta o parecer de que as duas explicações, a ligada ao *status* e a desenvolvida com uma dinâmica pessoal, não se excluam, mas pelo contrário se integrem: “O autoritarismo pode ser a

concepção do mundo de um homem *não-aculturado* à sociedade ocidental industrializada. Pode ser que essa concepção do mundo se firme em forma unitária por causa das correlações dinâmicas existentes entre os aspectos evidenciados pela pesquisa de Berkeley.”<sup>12</sup>

Contudo, parece claro que a equipe de Adorno prefere enfrentar a última hipótese, isto é, a da existência de uma dinâmica pessoal unificadora. O quadro de referência para análise e interpretação dos dados foi baseado na teoria psicanalítica.

O contraste mais importante encontrado nos protocolos de autoritários e igualitários é a *auto-exaltação de alguns*, contraposta à autovalorização objetiva de outros.

Impõe-se análoga consideração, relativamente ao conceito dos pais: exaltação da parte de uns, valorização objetiva da parte dos outros.<sup>13</sup> Partindo do razoável pressuposto (indiretamente confirmado pelos protocolos) de que não existem homens sem defeitos, mas simplesmente indivíduos com maior ou menor conhecimento das próprias fraquezas, tira-se disso uma primeira conclusão: *alguma coisa não funciona no processo cognitivo da pessoa autoritária*. O obstáculo é individualizado na *intolerância da ambigüidade*. Enquanto o igualitário tende a resolver o problema com uma complicação (realística) que lhe permite distinguir, na mesma pessoa e mesmo nos próprios sentimentos, aspectos diversos e até contrastantes, o autoritário resolve o conflito simplesmente negando ou reprimindo o que não lhe agrada. Como consequência direta dessa *repressão* aparece a *projeção* de defeitos e faltazinhas nos grupos exteriores, facilmente vulneráveis por causa do seu *status* não-privilegiado e minoritário.<sup>14</sup> Em particular, *sexo e agressividade*, não tolerados no seu aspecto de ambivalência em si ou nos próprios pais, são reprimidos e projetados sobre *objetivos diferentes*.

Essas projeções admitem também certa expressão dos impulsos reprimidos. Na verdade, aquelas que constituem o objeto de tais expressões (minorias fora do grupo), por motivo das qualidades deterioradoras que lhes são atribuídas, acabam por justificar e até “exigir”, no que lhes respeita, um comportamento agressivo e moralmente desabusado que pareceria, em caso diverso, digno de censura. A projeção alarga-se assim numa evidente *racionalização*. Para usar a expressão de Brown, “a repressão dos impulsos conduz à sua projeção, que por sua vez age como racionalização admitindo sua expressão”.<sup>15</sup>

Continuando na análise do ponto de partida, os pesquisadores perguntaram: *por que esse tipo de personalidade não pode tolerar uma imagem ambivalente,*

<sup>12</sup> Rokeach, M. op. cit. p. 253.

<sup>13</sup> Brown, R. W. *The prejudiced person not have father and mother for parents: he has “Father’s Day” and “Mother’s Day”*. op. cit. p. 498.

<sup>14</sup> Frankel-Brunswik, E. & Havel, J. Prejudice in the interviews of children: I. Attitudes toward minority groups. *Journal of Genetic Psychology*, v. 82, p. 91-136, 1953.

<sup>15</sup> Brown, R. W. op. cit. p. 502.



*não-idealizada de si e dos seus?* A resposta mais imediata, fornecida pelos dados, parece ser a seguinte: mais do que qualquer outro valor, a personalidade autoritária valoriza e procura a *honorabilidade social* e emprega toda a energia na consecução de um *status* que lhe dê sentido de segurança e de poder. A mesma norma moral não gerada por si mesma, mas somente em função de tal objetivo, resultando lógica e absolutamente desintegrada da personalidade. Uma construção tão frágil e forçada não pode, evidentemente, defender-se senão com a intransigência e a recusa de toda ambivalência, quer nas atitudes próprias, quer nas dos outros.

A origem mais evidente de tal sistema de orientação e opiniões parece sobressair nas primeiras experiências do desenvolvimento individual, e aparece particularmente unida à figura dos pais e de outros parentes. Tal influência age, na verdade, conforme duas linhas de força: a) o comportamento familiar regulado pelos mecanismos anteriormente indicados; b) a emissão explícita de opiniões que se associam normalmente a tal comportamento.

O material colhido por Adorno neste setor, embora não apresentando suficientes garantias do ponto de vista científico, constitui no seu conjunto um precioso início. Dada a importância específica de que se reveste o argumento na perspectiva do nosso trabalho de resenha, procuraremos integrá-lo reportando-nos aos principais estudos inseridos na problemática dos “precedentes genéticos da personalidade autoritária”.

#### 4. Pesquisas sobre os precedentes familiares da personalidade autoritária

##### A) *Dados e hipóteses explicativos de Adorno*

A influência dos precedentes familiares, ligados principalmente ao tipo de educação, não obstante as reservas aventadas, parece bastante motivada. Resumamos ligeiramente a quantidade de hipóteses extraídas dos dados coligidos pela equipe de Berkeley.

Ponto alto nas escalas Anti-semitismo, Etnocentrismo, Fascismo	Ponto baixo nas escalas Anti-semitismo, Etnocentrismo, Fascismo
Disciplina familiar relativamente severa e baseada nas ameaças	Menor destaque dado à obediência
Definição rígida dos papéis de dominação e submissão, precoce supressão de impulsos “inaceitáveis”	Aceitação mais livre das expressões emotivas na sua ambivalência
Destaque dado aos valores de honorabilidade social	Menor ansiedade de conformismo
Concepção claramente dicotômica do papel dos sexos	Maior tolerância para comportamentos não-aceitáveis socialmente

### *Por que reagem os pais dessa maneira?*

A defeituosa integração na personalidade dos pais de um quadro de valores interiores plenamente assimilados parece refletir de modo claro na atitude educativa por dois motivos: a) suprir com a força exterior (violência física ou psicológica) a própria fraqueza interior; b) querer atingir no filho objetivos estranhos às suas necessidades, mas necessários à consecução daquele *status* e daquele mais alto grau de poder que constitui a ambição de suas vidas.

### *Variadas conseqüências na gênese dos vários traços autoritários*

Assim imaginadas, as relações pais-filhos não podem ser senão externas, baseadas, de uma parte, na intolerância e, de outra, no medo. E aqui, justamente, se individua a fonte principal da agressividade comprimida: encontrando bloqueado o caminho que a leva ao motivo da impaciência, ela se liberta mais facilmente no exterior do grupo familiar; mas com relação aos pais, a hostilidade se disfarça e converte-se na exaltação acrítica de que falamos. O sentido moral demonstrado por meio de tais sistemas não é assimilado intimamente e transforma-se em indignação “moral” violenta por tudo o que é reprimido impetuosamente no rapaz.

Além disso, num ambiente em que o “oportunismo” é regra suprema, o rapaz colocará, espontaneamente, as suas relações com os pais nessa mesma direção, adquirindo orientação de fundo, de que serão meras conseqüências muitos dos traços autoritários.

Existe, por fim, um outro elemento que o rapaz assimila facilmente dos pais: *estes usam de sua fraqueza para os próprios fins de prestígio*. Imitando-os, ele aprende a desprezar os fracos, colocar no ápice suas ambições e o mito do poder. Acontece então o que se pode definir como “identificação negativa”.<sup>16</sup>

É fácil notar nesse quadro explicação plausível da citada ambivalência concernente à autoridade, indicada por Erich Fromm como uma das características ressaltantes da personalidade autoritária.

### *B) As indagações dos continuadores*

A interpretação dada pelos estudiosos de Berkeley parece lógica e sugestiva. Mas até que ponto está provada pela grande massa de dados obtidos? É necessário notar, antes de mais nada, que as hipóteses assim formuladas apresentam-se como extremamente difíceis de se reduzirem a termos verificáveis experimentalmente. Em ritmo ativo multiplicaram-se as pesquisas aptas a demonstrar positivamente cada uma das afirmações ou fenômenos. As indagações relativas aos precedentes familiares do indivíduo autoritário têm exercido atração particular sobre os

<sup>16</sup> Byrne, D. op. cit. p. 249.

pesquisadores posteriores, principalmente com referência à atmosfera em que a personalidade se forjou.

Os trabalhos dirigidos com fito científico chamaram a atenção para a complexidade do fenômeno e as dificuldades metodológicas que emanam da multiplicidade dos fatores que entram na dinâmica das relações familiares.

Embora não tendo alcançado conclusões claras e definitivas, esses estudos mostraram grande utilidade para ulterior esclarecimento da personalidade autoritária e de seu desenvolvimento no círculo da estrutura educativa.

Relacionemos os estudos principais do argumento.

1. Levinson<sup>17</sup> encontra correlações entre a ideologia familiar tradicional e o autoritarismo. A *Tradition family ideology* foi elaborada pelos autores para medir (em 40 itens) os *critérios educativos de tipo tradicional*, contendo as seguintes características: convencionalismo, submissão “autoritária” (acrítica), masculinidade e feminilidade exageradas, excessivo destaque dado à disciplina, recusa moralística da vida impulsiva. Nas amostras examinadas pelo autor, a correlação gira entre valores notavelmente altos:

TFI	F	$r = 0,70$ (mais ou menos)
-----	---	----------------------------

2. Hart<sup>18</sup> volta sua atenção para o campo científico das *técnicas disciplinares* usadas por uma amostra de mães: os seus pontos na F scale estão associados à técnica *nonlove-oriented* (não-centralizada no amor) na medida em que confirma a hipótese.

F	Técnica nonloved	$r = 0,63$
---	------------------	------------

3. Uma reduzida mas significativa relação entre autoritarismo e percepção de *severidade punitiva* concernente aos pais foi encontrada por Lyle e Levitt<sup>19</sup> em um grupo de crianças.

F	Severidade punitiva	$r = 0,32$
---	---------------------	------------

<sup>17</sup> Levinson, D. J. & Phyllis. Traditional family ideology and its relations to personality. *Journal of Personality*, v. 23, p. 251-73, 1955.

<sup>18</sup> Hart, J. Maternal child-rearing practices and authoritarian ideology. *Journal of Abnormal Social Psychology*, v. 55, p. 232, 1957.

<sup>19</sup> Lyle, W. H. & Levitt, E. E. Punitiveness authoritarianism and parental discipline of grade school children. *Journal of Abnormal Social Psychology*, v. 51, p. 42-6, 1955.

4. Posterior confirmação foi tirada, em 1959, do trabalho de Zuckerman e Oltean<sup>20</sup> no qual se nota a relação entre *autoritarismo e comportamento materno*. O instrumento empregado foi a primeira dimensão do *Parental attitude research inventory*, que é constituída pelo *Authoritarian control* (controle autoritário) – (AC).

F	AC e r = 0,51 (homens)
F	AC e r = 0,61 (mulheres)

5. Resultados análogos são sugeridos no *campo paterno* por uma pesquisa de Block, realizada entre oficiais militares, pais de família, com relação à sua *atitude permissiva ou restritiva* em relação aos filhos. O autor assim sintetiza suas conclusões: “Os homens que manifestam atitudes restritivas no campo educativo aparecem, para observadores habilitados, como grandemente submissos, sugestionáveis, conformistas, indecisos, inaptos e hipercontrolados. Os homens que manifestam atitudes permissivas são avaliados como mais seguros de si, ricos de prestígio, independentes em face da autoridade, persuasivos, prontos para a ação e acríficos.”<sup>21</sup>

6. Samuel J. Meer<sup>22</sup> determina-se a provar a existência e a profundidade do *transfert* agressivo dos pais para membros estranhos mediante a análise dos sonhos. Eis suas conclusões: os indivíduos autoritários manifestam em seus sonhos agressividade maior com os indivíduos não-pertencentes em seu grupo; tal *preferência* não se nota nos sonhos dos não-autoritários; de modo análogo, no material onírico dos autoritários aparecem mais freqüentemente atos de amizade para com os membros do próprio grupo, quando sucede exatamente o contrário com igualitários.

As pesquisas já referidas mostram um quadro já bastante demarcado do papel que representa a atitude e o comportamento educativo dos pais no desenvolvimento de uma personalidade autoritária e igualitária: a *orientação fundamental dos pais* faz deduzir o aparecimento de um *particular tipo de estrutura familiar* e de *técnica educativa*. Por exemplo, filhos de pais educados no estilo autoritário desenvolverão, conseqüentemente, uma ideologia que é o reflexo daquele estilo e tenderão, por sua vez, a reproduzir em sua nova família a atmosfera da primeira. Tudo isso está esquematicamente expresso por Byrne<sup>23</sup> em quadro denominado “Os possíveis precedentes e efeitos de autoritarismo”, aqui reproduzido:

<sup>20</sup> Zuckerman & Oltean, M. Some relationships between maternal attitudes factors and authoritarianism personality needs psychopathology and self-acceptance. *Child Development*, v. 30, p. 27-36, 1959.

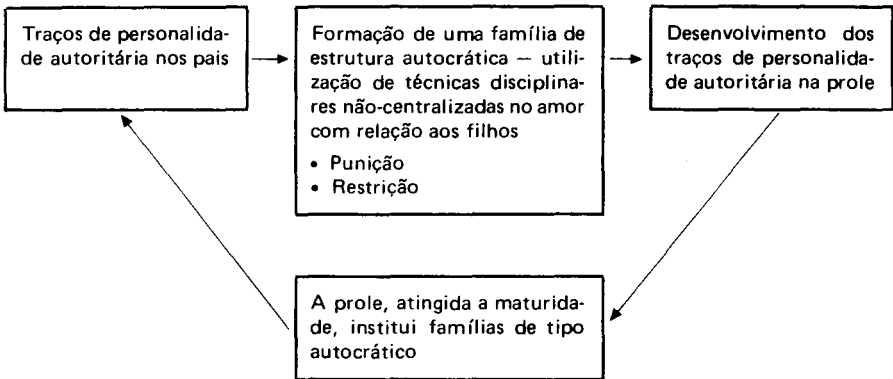
<sup>21</sup> Block, J. Personality characteristics associated with fathers attitudes toward child-rearing. *Child Development*, v. 26, p. 41-8, 1955.

<sup>22</sup> Meer, S. J. Authoritarian attitudes and dreams. *Journal of Abnormal Social Psychology*, v. 51, p. 74-8, 1955.

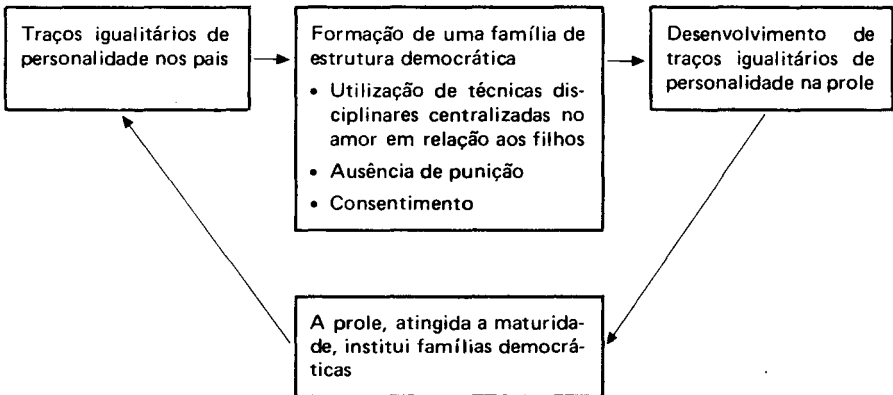
<sup>23</sup> Byrne, D. op. cit. p. 254.

Quadro 1

*Autoritários*



*Igualitários*



C) *A contribuição específica de Byrne*

O quadro 1 representa, do ponto de vista científico, notável defeito: foi obtido por indagações *entre indivíduos* de tipo anamnóstico; além disso, não se preocupa em verificar dois importantes elementos que são considerados: a) *marido e mulher* podem considerar-se *semelhantes* com relação ao autoritarismo e métodos educativos? b) existe uma relação direta entre autoritarismo e método educativo nos pais, e aceitação da *ideologia familiar correspondente, nos filhos?*

Pesquisa nesse sentido foi realizada por Byrne, cujo resultado publicou em 1965.<sup>24</sup> Quanto à primeira hipótese, o autor fez o confronto com uma amostra notável de cônjuges e os pontos obtidos quer no questionário de autoritarismo (F) quer no que concerne à concepção ideológica familiar (TFI). Em ambos os casos, a correlação patenteou-se significativa e, talvez, substancialmente elevada:

F marido	F mulher	$r = 0,30$ (sign. 0,01)
TFI marido	TFI mulher	$r = 0,26$ (sign. 0,01)

Para verificar a segunda hipótese foram confrontados os quatro dados característicos referentes aos pais (F e TFI de pai; F e TFI da mãe) com os quatro dados relativos à prole (F e TFI dos masculinos; F e TFI dos femininos); das 16 correlações dela extraídas, aqui estão as significativas nos dois níveis.<sup>25</sup>

F Pai	F Filho	$r = 0,38^{**}$
F Pai	TFI Filho	$r = 0,30^*$
TFI Pai	F Filho	$r = 0,33^*$
TFI Pai	TFI Filho	$r = 0,37^{**}$
F Mãe	F Filho	$r = 0,30^*$
F Mãe	F Filha	$r = 0,32^*$
* = 0,05		** = 0,01

O laço hipotetizado entre autoritarismo dos pais e da prole fica confirmado, em relação às combinações pai e filho, em ambas as escalas. Encontra-se também ligação significativa entre o autoritarismo materno e os pontos correspondentes na prole de ambos os sexos.

Pode-se falar em notável avanço na análise das variáveis presentes na conexão entre autoritarismo e influência familiar. O mesmo autor reconhece, entretanto, que outras distinções deveriam ser introduzidas para um estudo mais profundo (maior ou menor semelhança no autoritarismo dos cônjuges, amplitude respectiva do contacto educativo, diverso grau de identificação da prole com cada um dos pais, diferença de influxo sobre os homens e as mulheres em famílias “centralizadas” na mãe ou no pai).<sup>26</sup>

<sup>24</sup> Byrne, D. Parental antecedents of authoritarianism. *Journal of Abnormal Social Psychology*, v. 1, p. 36-373, 1956.

<sup>25</sup> \_\_\_\_\_ & Hamilton, M. L. ed. *Personality Research*. Englewood Cliffs, New Jersey, 1966, p. 227. (Prentice Hall International Psychology Series.)

<sup>26</sup> Bronfenbrenner, U. Some familial antecedents of responsibility and leadership in adolescents. In: Petrullo, L. & Bass, B. M. ed. *Leadership interpersonal behavior*. New York, Holt-Rinehart & Winston, 1961.

Baseado nas linhas por ele mesmo indicadas, o autor prevê o desenvolvimento do estudo em tela. Entretanto, pensa aproveitar os dados já obtidos para pesquisa posterior, estabelecendo confrontação simultânea na variável F, como se apresenta em cada tema: “pai-mãe-filho”. Analisando sua amostra sob esse aspecto, salienta elementos interessantes, que se poderiam assim resumir: “o melhor prognóstico a respeito do autoritarismo da prole mais do que da ideologia tradicional da família é constituído pelo autoritarismo dos pais”.<sup>27</sup>

É mais provável o surgimento de prole autoritária em famílias em que nenhum dos pais tenha pontos baixos em F, e o pai do mesmo sexo tenha pontos altos. Ao contrário, em família em que ao menos um dos pais tem pontos baixos em F e o pai do mesmo sexo os tem altos em F, desenvolver-se-á provavelmente prole igualitária.

Impõe-se neste momento a primeira e notável observação; comparando os resultados obtidos nos pontos intra-individuais de Adorno com aqueles inter-individuais de Byrne, encontramos uma franca redução nas correlações: os primeiros valores andam pela escala dos 0,60, enquanto os segundos ficam em volta dos 0,30. Os pais conservam notável e significativa influência, mas sua incidência está muito longe de satisfazer a explicação da gênese da personalidade autoritária. Assim, as pesquisas (conforme averiguações já contidas em Adorno) desenvolvem-se, outrossim, em outras direções complementares, colhendo indicações úteis, embora grandemente fragmentárias.

O problema dos contatos com a ideologia autoritária ou igualitária fora do ambiente familiar foi estudado por R. Christie<sup>28</sup> e por Rokeach. Deste último destacamos um quadro ilustrativo da incidência de modelos extrafamiliares.

---

Frequência de respostas dadas à pergunta: “Que outras pessoas (parentes, tutores, amigos etc.) influenciaram seu desenvolvimento” por parte de grupos classificados como: “abertos”, “médios”, “fechados”?

Tipos de respostas	Abertos	Médios	Fechados
Eclesiásticos e/ou chefes de escoteiros	8%	70%	60%
Algumas pessoas não especificadas	20%	19%	32%
Resposta genérica sem referência a pessoas ou grupos particulares	72%	11%	8%

---

Observemos, baseados nesses dados, como é característica das pessoas fechadas ou com tendência para tal a referência a pessoas singulares (com preponde-

<sup>27</sup> Byrne, D. op. cit. p. 281.

<sup>28</sup> Christie, R. Changes authoritarianism to situational factors. *American Psychologist*, v. 7, p. 307, 1952.

rância dos eclesiásticos e/ou chefes de escoteiros), ao passo que os indivíduos abertos não indicam nenhuma pessoa em particular.

Uma série de perguntas formuladas, para as quais não foi ainda encontrada resposta satisfatória, diz respeito também às diferenças entre rapazes e moças ao sofrerem a influência da atmosfera familiar. As moças parecem ressentir-se de modo grandemente inferior. Trata-se da diferença ligada à psicologia feminina? Pode-se admitir que o rapaz seja mais facilmente frustrado pela imposição de normas externas, sinta mais forte o peso de um comportamento ditado pelo temor, exposto a maiores pressões por parte dos pais (aos olhos de quem o filho homem assume importância particular) e, finalmente, pode depender do tipo de agressividade caracteristicamente masculina. Mas os dados não são de tal valor que se possa averiguar com certeza nenhuma dessas indicações.

## 5. Contribuições ao estudo da dinâmica pessoal autoritária

Esgotamos nossa resenha sobre o ponto fundamental da hipótese de Adorno, relativa à gênese da personalidade autoritária: sua matriz familiar.

Agora as considerações do tipo geral e ambiental passam ao exame mais pormenorizado dos mecanismos que facilmente se desenvolvem em tal ambiente, até à constituição de autoridade tipicamente autoritária.

O primeiro ponto de interesse fundamental é a “disfunção cognitiva” unida à intolerância da ambigüidade (por exemplo, a exaltação dos pais) e à necessidade de conseguir de qualquer forma desabafo de sentimentos reprimidos (preconceitos etnocêntricos etc.).

O argumento é feito por Brown no capítulo intitulado *The cognitive style of the authoritarian*. Pergunta-se o autor, antes de mais nada, se os esforços setoriais ditados pela ansiedade (intolerância da ambigüidade, refúgio no preconceito) não se ampliam em todo o campo perceptivo até tornarem-se um estilo cognoscitivo geral característico. Eis a hipótese: “A pessoa sujeita a preconceitos mostrará, presumivelmente, intolerância da ambigüidade em todo tipo de percepção e pensamento.”<sup>29</sup>

Antes de apresentar algumas pesquisas, lamenta o autor que elas nem sempre distingam entre intolerância da ambigüidade e rigidez mental. Ao dar um resumo dos estudos desse ponto, seguiremos fundamentalmente Rokeach, completando-o com informações de outras fontes.

1. Else Frenkel-Brunswik<sup>30</sup> mostra, ante a experiência da figura de um cão que progressivamente se transforma em gato, que os últimos que perceberam a *troca de imagem* são os autoritários.

<sup>29</sup> Brown, R. W. op. cit. p. 505-9.

<sup>30</sup> Frenkel-Brunswik, E. Intolerance of ambiguity as an emotional and perceptual personality variable. *Journal of Personality*, v. 18, p. 108-43, 1949.



2. Rokeach<sup>31</sup> usa o conhecido *problem solving* de Luchins que consta de recipientes de várias capacidades com que se devem obter determinadas medidas. A demora no abandono de uma solução *estereótipa* (progressivamente menos funcional) é por ele tomada como medida de rigidez. Suas conclusões registram notável associação entre *rigidez* e grau elevado de preconceito e de etnocentrismo.

3. Block e Block<sup>32</sup> realizaram uma pesquisa em que os indivíduos foram convidados a fazer um juízo sobre os movimentos de uma fonte luminosa numa situação em que se verifica o fenômeno autocinético. O juízo tende a estabilizar-se progressivamente: os que são sujeitos a preconceitos chegam a essa firmeza de juízo muito mais rapidamente do que os outros. Essa experiência sublinha, de maneira mais evidente do que as precedentes, o componente de *intolerância de ambigüidade*.

4. M.B. Jones<sup>33</sup> prova sua afirmação sobre a existência de perceptivo de base usando como alicerce à personalidade autoritária e como instrumento de avaliação o “cubo de Necker”: indivíduos com altos pontos na F scale tornam-se significativamente mais intolerantes com as flutuações em confronto com os outros.

Um defeito encontrado nesses estudos consiste na falta de clara conceituação do estilo cognoscitivo correspondente aos dois extremos de personalidade (autoritária – igualitária) que estamos considerando, e, como conseqüência, a carência de instrumentos precisos de medição. Concluindo, deve-se admitir que a correlação entre fechamento-abertura mental e autoritarismo recebeu apenas confirmações fragmentárias.

Sempre na perspectiva das disfunções no processo cognitivo, insere-se grande parte dos estudos sobre o dogmatismo; nessa atitude misturam-se, porém em medida muito notável e talvez mesmo determinante, os componentes ideológicos tornando particularmente problemática a focalização do substrato pessoal.<sup>34</sup>

Entendemos igualmente que alguns dados (principalmente os referentes à ansiedade do ambiente familiar infantil) constituem interessantes afirmações na linha interpretativa da equipe de Adorno. Vamos pois às conclusões dos estudos de M. Rokeach e de C. Gratton Kemp<sup>35</sup> seguindo a linha da síntese por eles apresentada.

<sup>31</sup> Rokeach, M. Generalized mental rigidity as a factor in ethnocentrism. *Journal of Abnormal Social Psychology*, v. 43, p. 259-78, 1948.

<sup>32</sup> Block, J. & Block, J. An investigation of the relationship between intolerance of ambiguity and ethnocentrism. *Journal of Personality*, v. 19, p. 303-11, 1951.

<sup>33</sup> Jones, M. B. Authoritarianism and intolerance of fluctuation. *Journal of Abnormal Social Psychology*, v. 50, p. 125, 1955.

<sup>34</sup> Rokeach, M. Political and religious dogmatism: An alternative to the authoritarian personality. *Psychological Monographs*, v. 70, n. 18, p. 425, 1956.

<sup>35</sup> ————. op. cit. cap. 19: Open and closed systems in relation to anxiety and childhood experience. p. 347-65.

1. Entre ansiedade e dogmatismo encontra-se uma correlação que vai de 0,36 a 0,64 nos vários grupos examinados nos Estados Unidos e na Inglaterra. Duas análises fatoriais mostraram que dogmatismo e ansiedade são fatorialmente semelhantes.

2. *Católicos* americanos obtiveram medidas relativamente altas em dogmatismo e ansiedade. *Comunistas* ingleses e um grupo de universitários americanos sem filiação religiosa obtiveram altos pontos em dogmatismo. Entretanto, contra toda expectativa, ambos os grupos colheram pontos baixos em ansiedade.

3. O dogmatismo dos comunistas aparece vinculado a algumas afirmações características de sua *ideologia*, mas não parece estender-se a toda estrutura funcional do sistema cognitivo. Isso explicaria seu baixo índice de ansiedade. Outra explicação poderia ser a oportunidade terapêutica oferecida pela atividade política, confirmação para a necessária distinção entre os vários tipos de dogmatismo e seus diversos liames com a F scale.<sup>36</sup>

4. A pesquisa sobre experiências precoces mostra estreita ligação entre fechamento mental, exaltação dos pais, limitação do influxo por parte de pessoas alheias ao círculo familiar, com uma série de manifestações tipicamente ansiosas (chupar o dedo, roer as unhas, enurese, pesadelos noturnos etc.).

Numa linha semelhante colocam-se outras pesquisas referidas por E. P. Hollander,<sup>37</sup> pesquisas essas que vão de encontro especificamente ao *tipo de percepção e de estima recíproca entre personalidade autoritária e igualitária*.

1. Na pesquisa de Scodel e Mussen,<sup>38</sup> os autoritários, chamados a avaliar um indivíduo não-autoritário a eles unido, tendem a atribuir-lhe atitudes que o classificam na F scale quase ao nível deles. Isso confirma a *fraca penetração psicológica* do indivíduo autoritário unido aos esquemas do grupo a que pertence.

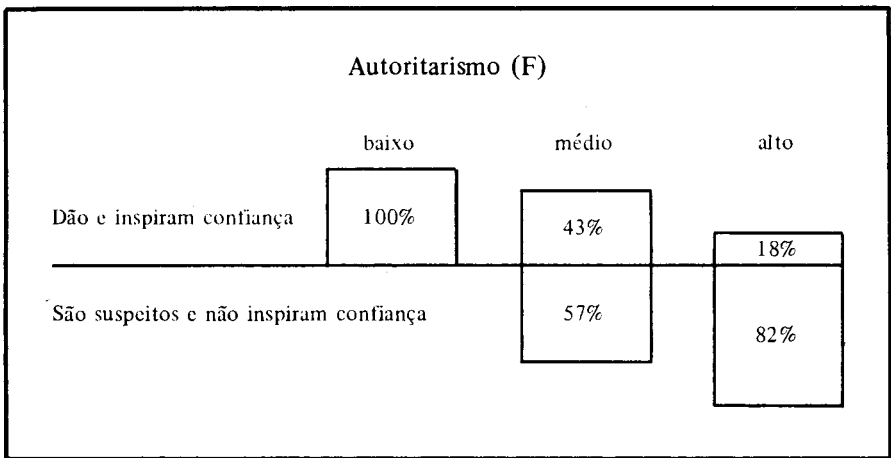
2. Conforme Deutsch,<sup>39</sup> *conceder e inspirar confiança* são correlacionados positivamente entre si e negativamente com o autoritarismo. Para demonstrar isso, o autor submeteu sua amostra a um teste chamado “o dilema do prisioneiro” que coloca o indivíduo na oportunidade de mostrar esse tipo de atitude. Os resultados confirmam magnificamente a hipótese.

<sup>36</sup> Rokeach, M. Dogmatism and opinionation in religion and politics. op. cit. p. 109-13.

<sup>37</sup> Hollander, E. P. *Principles and methods of social psychology*. New York, Oxford University Press, 1968. v. 2, p. 520.

<sup>38</sup> Scodel A. & Mussen. Social perception of authoritarian and non-authoritarians. *Journal of Abnormal Social Psychology*, v. 48, p. 181-4, 1953; Crockett W. H. & Meidinger, T. Authoritarianism and interpersonal perception. *Journal of Abnormal Social Psychology*, v. 53, p. 378-80, 1956.

<sup>39</sup> Deutsch, M. Trust, trustworthiness, and the F Scale. *Journal of Abnormal Social Psychology*, v. 61, p. 138-40, 1960.



Tudo isso oferece confirmações úteis a um dado realmente ligado à personalidade autoritária, mas não esclarece muito a respeito da origem do fenômeno. Esse caminho foi também percorrido por Rokeach;<sup>40</sup> leva diretamente a uma das zonas nevralgicas da hipótese de Adorno sobre a gênese da personalidade autoritária. Ele se propôs a provar o nexó existente entre a bagagem de idéias mal assimiladas, característica do dogmatismo autoritário, e a influência de uma exata pressão externa, à qual o indivíduo em tela inclinou-se acriticamente em consequência de sua característica concepção de autoridade. Com esse fim retorna a experiência já usada por Block,<sup>41</sup> pondo os indivíduos em situação de autocinese. No juízo sobre os movimentos do foco luminoso, são eles *ajudados* por um sugeridor autorizado (que na verdade fornece respostas erradas): o juízo dos autoritários inclina-se a conformar-se, não obstante a evidência contrária, em medida claramente maior do que não acontece aos igualitários.

Uma outra série de experiências foi realizada numa linha afim à precedente: verificar o hipotético *conformismo* de quem apresenta a síndrome autoritária nos *confrontos do grupo*.

1. Lindgren<sup>42</sup> usou com esse intuito o teste de Asch, segundo a padronização feita por Barron: os indivíduos são convidados a avaliar o comprimento de algumas barras, depois de ouvirem a opinião (errada, mas unânime) do resto do grupo (conivente com o experimentador) em que foram inscritos. Foram os seguintes os resultados na sua amostra:

<sup>40</sup> Rokeach. op. cit. p. 294-5.

<sup>41</sup> Cf. nota n.º 25.

<sup>42</sup> Lindgren, H. C. Authoritarianism, independence, and childventered practices in education: a study of attitudes. *Psychology Report*, v. 10, p. 747-50, 1962.

autoritarismo	indiferença d. Grupo	$r = - 29$ para homens
autoritarismo	indiferença d. Grupo	$r = - 59$ para mulheres

2. Pesquisa semelhante realizada por Nadler:<sup>43</sup> utilizou os testes de Asch com 70 estudantes universitários, com o seguinte resultado:

autoritarismo	conformismo com o grupo	$r = 0,48$
---------------	-------------------------	------------

Outro grupo de indagação foi fornecido pelas afirmações de Adorno, segundo o qual uma passagem obrigatória no desenvolvimento da personalidade autoritária é constituída pelos *mecanismos de repressão* (sentimentos de agressividade e hostilidade para com os pais, impulsos sexuais etc.).

1. Nathan Kogan<sup>44</sup> baseia sua experiência na conhecida influência da repressão no fenômeno perceptivo. Na presença de rumores de distúrbio produzidos de propósito, *frases de forte conteúdo emotivo* são percebidas com dificuldade significativamente maior nos que têm alta colocação na F scale.

Devemos a Rothstein<sup>45</sup> e a Eliasberg pesquisas mais diretas relativas à *repressão e projeção* no exterior dos *impulsos sexuais* não aceitos e não integrados na pessoa do autoritário (hiperpreocupação com relação à sexualidade, indignação moral etc.)

2. Rothstein utilizou dupla projeção cinematográfica muda: uma mesma artista era apresentada na primeira cena com atitudes claramente sexuais, ao passo que, na segunda aparecia como esposa inteligente e afetuosa. Analisando os juízos de sua amostra acerca do comportamento complexo da atriz, o autor concluiu: "Pode-se considerar a percepção essencialmente sexual nas confrontações da artista por parte das personalidades altamente autoritárias como manifestação projetiva de seus inaceitáveis impulsos sexuais para com ela."<sup>46</sup>

3. Presta-se a análogas considerações a experiência realizada por Eliasberg e Stuart:<sup>47</sup> projetando diapositivos de nus artísticos (Modigliani, Gauguin etc.),

<sup>43</sup> Nadler, E. B. Yelding, authoritarianism, and authoritarianism regarding groups. *Journal of Abnormal Social Psychology*, v. 58, p. 408-10, 1959.

<sup>44</sup> Kogan, N. Authoritarianism and repression. *Journal of Abnormal Social Psychology*, v. 53, p. 34-37, 1956.

<sup>45</sup> Rothstein, R. Authoritarianism and men's reactions to sexuality and affection in women. *Journal of Abnormal Social Psychology*, v. 61, p. 329-34.

<sup>46</sup> Id. p. 333.

<sup>47</sup> Eliasberg, W. G. & Stuart, I. R. Authoritarian personality and the obscenity threshold. *Journal of Social Psychology*, v. 55, p. 143-51, 1961.

pediram a opinião a respeito de seu eventual caráter pornográfico a um grupo de indivíduos já classificados conforme seu grau de autoritarismo. A correlação entre o número de quadros tidos como pornográficos e os pontos na F scale foi de 0,46.

## 6. Autoritarismo e adaptação

Temos até agora encontrado somente pesquisas que, com seus resultados, colocam-se mais ou menos na linha traçada por Adorno, resultados que por sua vez dão nova dimensão mas quase nunca contradizem as suas hipóteses.

Entretanto foram encontradas algumas dificuldades no terreno que deveria, conforme alguns, oferecer uma contraprova de caráter geral a todos os elementos e pontos recolhidos: na enumeração de autoritários-igualitários diversos fatores estão a indicar nos primeiros formas de comportamento pouco favoráveis a um funcionamento psicológico excelente. Enquanto, na verdade, os igualitários são apresentados como flexíveis, abertos, conhecedores dos próprios impulsos e não inclinados a deixarem-se dominar pelos mecanismos de defesa, os autoritários são descritos como rígidos, conformistas, repressivos, negativos projetivos e indispostos. Tudo isso (eis aqui a tese) não deveria tornar estes últimos muito mais vulneráveis e mais facilmente sujeitos às várias formas de desadaptação?

Os dados obtidos sobre esse ponto parecem contraditórios. Houve alguém que, apressadamente, tirou conclusões gerais, negando, praticamente, a objetividade de todas as pesquisas anteriores, que estariam viciadas por preconceitos de inclinação democrática.<sup>48</sup> Masling refere que somente quatro estudos haviam encarado expressamente o problema da relação entre autoritarismo e saúde mental. Trata-se, naturalmente, de base bem instável para afirmações tão categóricas. Por outro lado, parece provável que as pessoas favoráveis à mudança democrática de uma sociedade autoritária estão menos aptas a esta última.

O problema deveria, pois, ser cuidadosamente revisto, atendendo-se ao que adaptação a uma sociedade (principalmente se autoritária) não pode ser considerada por si como prova de saúde mental. As afirmações de Masling não encontram assim confirmação suficiente na experiência de Reedman e colaboradores,<sup>49</sup> que aplicaram a F scale e o *MNPI*, verificando que os autoritários resultaram *menos defensivos*, menos sujeitos ao histerismo e à paranóia.

Outras pesquisas se colocam, com os dados resultantes, numa linha de conformidade com as teses gerais de Adorno: pesquisas entre *encarcerados*<sup>50</sup> regis-

<sup>48</sup> Masling, J. M. How neurotic is the authoritarian? *Journal of Abnormal Social Psychology*, v. 49, p. 316-18, 1954.

<sup>49</sup> Freedman, M.; Webster, H. & Sanford, N. A study of the authoritarianism and psychopathology. *Journal Psychology*, v. 41, p. 315-22, 1956.

<sup>50</sup> Aumack, L. Effects of imprisonment upon authoritarian attitudes. *Psychology Report*, v. 2, p. 39-42, 1956.

taram pontos muito altos em autoritarismo, relativamente à população em geral; estudo feito entre as mães de “rapazes-problema” levou a classificá-las como autoritárias;<sup>51</sup> pesquisa sobre a esquizofrenia pôs em destaque o alto grau de autoritarismo presente tanto nas mães como nos filhos atingidos por esse distúrbio.<sup>52</sup> Após isso, foi aventada a hipótese de tipo particular de fator, determinando a origem da esquizofrenia que consistiria na tensão que a mãe autoritária gera no filho, exigindo dele obrigações diametralmente opostas: a obediência cega e uma “forte” personalidade.<sup>53</sup>

## 7. As mudanças da personalidade autoritária

Há alguns anos, finalmente, os estudiosos começaram a explorar novo setor de pesquisa: trata-se de encontrar resposta a uma questão que pode, mesmo diretamente, lançar alguma luz sobre o problema da gênese da personalidade autoritária e favorecer também eventuais intervenções de tipo educativo. A pergunta pode ser assim enunciada: uma vez desenvolvida e consolidada, está a personalidade de tipo autoritário ainda sujeita a mudanças?

Devido ao caráter provisório dos resultados, vamos contentar-nos com ligeiríssima indicação dos fatos surgidos até o momento. Procuraram-se fatores que *umentam* o grau de autoritarismo e outros que provocam sua diminuição.

Aumentos (momentâneos) na F scale foram obtidos apresentando aos indivíduos testados a perspectiva de sua possível seleção para uma liderança militar;<sup>54</sup> análogo resultado foi obtido com pessoas sujeitas a tratamento de choque elétrico terapêutico: o fenômeno levantou interpretações controversas.<sup>55</sup>

Diminuição na F scale foi verificada em medida diretamente proporcional ao tempo transcorrido por delinquentes em prisão;<sup>56</sup> assim também a influência de expressões com tendência democrática por parte do experimentador;<sup>57</sup> notável

<sup>51</sup> Kates, S. L. & Diab, D. N. Authoritarian ideology and attitudes on parent-child relationships. *Journal of Abnormal Social Psychology*, v. 51, p. 13-16, 1955.

<sup>52</sup> Dworin, J. & Wyant, O. Authoritarian patterns in the mothers of schizophrenics. *Journal of Clinical Psychology*, v. 13, p. 332-8, 1957.

<sup>53</sup> Byrne, D. op. cit. p. 265.

<sup>54</sup> Christie, R. op. cit.

<sup>55</sup> Kahn, R. L.; Pollack, M. & Fink, M. Social attitude (California Scale) and convulsive therapy. *Journal of Nervous and Mental Disease*, v. 130, p. 187-92, 1960.

<sup>56</sup> Aumack, L. op. cit.

<sup>57</sup> Signe, R. D. *The effects of verbal reinforcement of pro-democratic response upon subsequent expression of authoritarian opinions and social prejudice*. Unpublished doctoral dissertation, University of Pennsylvania, 1960.

melhoria no sentido democrático foi notada também entre rapazes após uma experiência escolar democraticamente plasmada.<sup>58</sup>

## 8. Conclusão

A grande quantidade de dados relativos ao autoritarismo é verdade ingente. Mas enorme é também a amplitude desse novo campo que se abre diante de pesquisadores psicólogos e sociólogos. A linha interpretativa traçada pelos pioneiros da pesquisa concernente às características e à gênese da personalidade autoritária parece saída substancialmente ilesa do intenso fogo de indagações e de críticas a que esteve sujeita de 1950 até hoje.

Mas é unânime o juízo sobre o muito ainda a realizar,<sup>59</sup> o que justifica a afirmativa de Rokeach no final de seu estudo, quando considera esse setor de investigação ainda nos “seus primórdios”.<sup>60</sup>

Eis algumas das lacunas principais que os futuros estudos são chamados a preencher: existe o grande problema dos defeitos da F scale; seria necessário eliminar dela o influxo (na verdade não determinante) da “aquiescência”; deveria ser estudada uma divisão fatorialmente mais pura; dever-se-ia obter, nos limites do possível, a eliminação das referências a ideologias específicas (fascismo, direitismo). Quanto a cada um dos componentes surgidos dos primeiros estudos podemos verificar, mesmo em nossa indagação sumária, como oferecem numerosas considerações e pesquisas.

Seria também de bom augúrio que os psicólogos diretamente dedicados ao estudo das relações sociais dessem importância maior a esse argumento: isso constituiria, a nosso ver, uma contribuição essencial ao estudo da dinâmica pessoal que hoje constitui, justamente, objeto principal de indagação.

Estamos na verdade de acordo com a tese fundamental de Rokeach, segundo o qual a mentalidade autoritária não é um fenômeno completamente isolado; ela pode interessar, de algum modo, a cada pessoa e ameaçar cada forma de convivência social.

<sup>58</sup> Levitt, E. The effect of a ‘causal’ teacher training program on authoritarianism and responsibility in grade School Children. *Psychology Report*, v. 1, p. 449-58, 1955.

<sup>59</sup> Byrne, D. op. cit. p. 280.

<sup>60</sup> Rokeach, M. op. cit. p. 410.